

1. A EVOLUÇÃO

Para o zoólogo, os seres humanos são macacos sem cauda com cérebros muito volumosos. A sua característica mais surpreendente reside no sucesso incrível que alcançaram. Enquanto outros primatas se esconderam no seu último reduto, à espera da chegada dos machados, os 6.000 milhões de humanos infestaram o mundo quase todo, espalhando-se com uma rapidez tal que alteraram de forma dramática a paisagem, qual praga de gafanhotos gigantes.

O segredo do seu sucesso tem sido a capacidade que possuem de viver em comunidades cada vez maiores onde, mesmo com uma densidade populacional extremamente elevada, conseguem adaptar-se às exigências da vida quotidiana e continuar a reproduzir-se em condições que seriam intoleráveis para qualquer outro primata. Aliada a esta capacidade, encontra-se uma curiosidade insaciável, que faz com que busquem novos desafios de forma contínua.

Esta combinação mágica de afabilidade e curiosidade foi tornada possível graças a um processo evolutivo designado neotenia, que permite que os seres humanos conservem características juvenis na vida adulta. Outros animais gostam de brincar quando são jovens, mas perdem esse carácter ao atingir a maturidade. Os seres humanos permanecem brincalhões durante toda a vida. São a espécie Peter Pan, que nunca cresce. Claro que, ao tornarem-se adultos, utilizam nomes diferentes para se referirem à brincadeira. Chamam-lhe arte ou investigação, desporto ou filosofia, música ou poesia, viagens ou entretenimento. Tal como as brincadeiras de infância, todas estas actividades envolvem inovação, riscos, exploração e criatividade. Com efeito, são elas que nos tornam verdadeiramente humanos.

Os homens e as mulheres não seguiram esta tendência evolutiva da mesma forma. Ambos progrediram bastante enquanto «adulto-infantil»,

embora, no que diz respeito a determinadas características, tenham avançado a um ritmo ligeiramente diferente. Os homens são um pouco mais infantis no comportamento e as mulheres na sua anatomia. Por exemplo:

Aos trinta anos de idade, os homens são 15 vezes mais propensos a acidentes do que as mulheres. Tal acontece porque os homens conservaram de forma mais intensa do que as mulheres o elemento de risco das brincadeiras infantis. Embora esta qualidade coloque com frequência os homens em apuros, era um trunfo valioso nos tempos primitivos, altura em que os homens eram forçados a correr riscos, a fim de serem bem-sucedidos na caça. As mulheres primitivas eram demasiado valiosas para os perigos inerentes a esta actividade, mas os machos da tribo eram dispensáveis, tornando-se especialistas em correr riscos. Se alguns morressem no processo, isso não reduzia a capacidade reprodutora das pequenas tribos. Pelo contrário, se morressem mulheres, ainda que poucas, a taxa de reprodução era imediatamente ameaçada. É importante lembrar que, nos tempos primevos, existiam tão poucos de nós sobre o planeta que as taxas de reprodução eram de suma importância.

Existem mais inventores do que inventoras. Os riscos não são apenas físicos mas também mentais. A inovação envolve sempre riscos, uma vez que se trata de experimentar algo desconhecido em vez de confiar na tradição, comprovada e segura. As mulheres tinham de ser cautelosas. No seu papel primordial no âmago da sociedade tribal, não se podiam dar ao luxo de cometer erros graves, pois eram responsáveis por quase tudo, excepto pela caça. Ao longo do curso da evolução, foram desenvolvendo a capacidade de fazer várias coisas ao mesmo tempo, tornaram-se mais fluentes na comunicação verbal, ficaram com os sentidos do olfacto, da audição, do tacto e da visão colorida mais apurados do que os do homem, tornaram-se melhores educadoras, pais mais sensíveis e mais resistentes à doença, pois a sua saúde enquanto mães assumia uma importância vital.

Tudo isto levou a uma diferença entre o cérebro masculino e o feminino, sendo que os homens mantiveram mais características de «menino» do que as mulheres de «menina». Os homens tornaram-se mais imaginativos e, por vezes, perversos, ao passo que as mulheres ficaram mais sensíveis e carinhosas. Estas diferenças adequavam-se aos papéis que desempenhavam na sociedade. Homens e mulheres complementavam-se um ao outro e esta combinação traduziu-se em sucesso.

A nível físico, a história foi bastante diferente. O desenvolvimento da nova divisão de tarefas obrigava a que os homens fossem mais fortes a nível físico e mais atléticos, para a caça. O corpo masculino contém em média 28 kg de músculos e o feminino apenas 15 kg. O corpo masculino tí-

pico é 30 por cento mais forte, 10 por cento mais pesado e 7 por cento mais alto do que o feminino. Devido à sua importância na reprodução, o corpo da mulher tinha de se encontrar melhor protegido contra a fome. Como resultado, o corpo curvilíneo da mulher média contém 25 por cento de gordura, enquanto o do macho musculado tem apenas 12,5 por cento.

Esta maior retenção de gordura na mulher era uma característica intrinsecamente infantil e acompanhava uma série de outros traços juvenis que serviam os propósitos femininos. Os homens adultos tinham sido programados pela evolução para proteger ferozmente os filhos. Para sobreviver, a prole humana, cujo crescimento era lento, exigia a assistência de ambos os pais. As reacções paternais ao corpo roliço dos bebês humanos eram tão fortes que podiam ser exploradas pelas fêmeas adultas. Quantas mais características infantis as mulheres exibissem, mais respostas protectoras podiam obter da parte dos seus companheiros.

Isto fez com que a voz das mulheres adultas permanecesse mais aguda do que a dos homens. A voz masculina, mais grave, opera a 130-145 ciclos por segundo, enquanto a da mulher, mais aguda, opera a 230-255 ciclos por segundo. Por outras palavras, as mulheres mantiveram uma voz infantil. As mulheres também conservaram mais traços faciais juvenis e, de forma mais notória, a pelagem infantil. Enquanto os machos adultos desenvolveram frentes, queixos e narizes mais maciços, bem como bigodes, barbas e peitos peludos, as mulheres preservaram os seus rostos de bebé, suaves e delicados.

Resumindo, à medida que os géneros humanos iam percorrendo o seu caminho evolutivo, em direcção a uma neotenia cada vez maior, os machos *comportavam-se* de forma cada vez mais infantil, exibindo menos alterações físicas, enquanto as mulheres *desenvolviam* cada vez mais características físicas infantis, exibindo menos qualidades mentais infantis.

É importante referir o grau de diferença existente entre homens e mulheres. Tenho vindo a concentrar-me na enumeração das várias diferenças entre os sexos, mas é fundamental recordar que ambos os sexos humanos apresentam uma neotenia 100 vezes maior em todos os aspectos do que os sexos das outras espécies. As diferenças entre os homens e as mulheres são bastante reais e muito interessantes, mas não deixam de ser muito ligeiras. Apenas me debrucei sobre elas porque é importante estabelecer, desde o início, que o corpo da fêmea humana, sob muitos aspectos, é mais avançado, ou seja, apresenta uma maior neotenia, do que o do macho. Perceber este facto ajudará a clarificar muitas das características da anatomia feminina que encontramos quando a percorremos da cabeça aos pés. Não explica tudo, pois, ao mesmo tempo, existiram mui-

tos outros desenvolvimentos evolutivos bastante específicos na anatomia feminina, sobretudo a nível sexual e reprodutor, que fazem do corpo da mulher um organismo altamente evoluído e maravilhosamente requintado. Tal como veremos...

2. O CABELO

Raras são as mulheres, hoje em dia, que permitem que o cabelo cresça segundo a vontade da Natureza. Se o fizessem, acabariam com uma cabeleira que chegaria aos joelhos ou, tendo pele escura, com uma enorme juba crespa a dominar-lhes a cabeça. A forma como os nossos ancestrais primitivos conseguiram lidar com estes penteados extravagantes, antes de inventarem as facas, as tesouras, os pentes e outros instrumentos de estética, nunca é alvo de discussão por parte dos antropólogos, talvez por não terem qualquer resposta. Regra geral, quando os povos pré-históricos são descritos em livros, as ilustrações, nas suas reconstruções imaginativas, mostram mulheres que, não se sabe bem como, fizeram uma visita misteriosa à cabeleireira antes de posarem. O seu cabelo é sempre demasiado curto. A não ser que o arranjo do cabelo, e não a prostituição, seja a profissão mais antiga do mundo, passa-se aqui algo de errado, escondendo esse erro um dos maiores mistérios da anatomia feminina: nomeadamente, por que razão a fêmea humana deixa crescer cabeleiras de uma extensão tão ridícula? Num mundo antigo e tribal, o cabelo exageradamente comprido acabaria por ser um verdadeiro estorvo, reminescente do leque do pavão. Qual a vantagem evolucionária de um desenvolvimento tão excessivo?

Mais estranho ainda é o facto de, à excepção do topo da cabeça, das axilas e da zona genital, a mulher típica ser virtualmente pelada. É verdade que, à lupa, é possível observar pêlos minúsculos e atrofiados por toda a pele mas, à distância, estes são invisíveis e a pele feminina é funcionalmente nua. Isto faz com que o seu cabelo extremamente comprido seja ainda mais bizarro.

Não é muito difícil identificar as origens da pelagem humana. Quando um feto de chimpanzé atinge as vinte e seis semanas, exhibe uma distribuição capilar muito semelhante à humana. O facto de nos humanos